

A NARRATIVA DO PIONEIRISMO DE VIRGILINA DE SOUZA SALLES: FEMINISMO E IMPRENSA NA PRIMEIRA REPÚBLICA (1915-1930)

Giovanna Nardini¹

RESUMO: Virgilina de Souza Salles foi a idealizadora, criadora e diretora dos periódicos *A Luta Moderna* (1914 - 1915) e *Revista Feminina* (1915 - 1936), que eram publicados em São Paulo e circulavam por todo o Brasil. Com o falecimento de Virgilina em 1918, a *Revista Feminina* passa a ser comandada por João Salles (seu marido), Avelina Salles (sua filha) e Cláudio de Souza (seu irmão). A partir deste momento, observa-se que o início da criação de uma narrativa que busca apresentar a figura de Virgilina de Souza Salles como a pioneira do movimento feminista brasileiro. Por meio de uma série de artigos publicados durante vários anos, houve o objetivo de destacar sua atuação em busca de trazer novas discussões acerca do tema ao público brasileiro. Este artigo tem como objetivo analisar essa narrativa criada e publicada pela *Revista Feminina*, bem como apresentar uma contextualização sobre onde esta questão se inseriu nos debates das primeiras décadas do século XX sobre o movimento feminista e os papéis das mulheres na sociedade. Por meio deste, pretende-se contribuir para o debate histórico sobre o movimento feminista no Brasil e seus percursos.

Palavras-chave: Virgilina de Souza Salles; Revista Feminina; Feminismo.

VIRGILINA DE SOUSA SALLE'S PIONEER NARRATIVE: FEMINISM AND PRESS IN THE FIRST REPUBLIC (1915-1930)

ABSTRACT: Virgilina de Souza Salles idealized, created and directed the magazines *A Luta Moderna* ("The Modern Fight") (1914 – 1915) and *Revista Feminina* ("Feminine Magazine") (1915 – 1936), that were both published in São Paulo and were distributed through Brazil. With Virgilina's passing in 1918, the *Revista Feminina* begins to be headed by João Salles (her husband), Avelina Salles (her daughter) and Cláudio de Souza (her brother). From this moment onwards, we notice the beginning of the creation of a narrative that aims to present Virgilina de Souza Salles as a pioneer to the feminist movement in Brazil. Through a series of articles published over many years, the intention was to highlight her role in bringing new discussions about the theme to the Brazilian readers. This article aims to analyze that narrative created and published by

¹ Mestra e bacharela em História pela UNIFESP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2131871281600370>. E-mail: gjginardini@gmail.com.

the *Revista Feminina*, as well as to present a contextualization about how this position interacted with the debates of the first decades of the 20th century about the feminist movement and the roles of women in society. Through this article, we aim to contribute in the historical debate about the feminist movement in Brazil and its action.

Keyword: Virgilina de Souza Salles; Revista Feminina; Feminism.

Virgilina de Souza Salles e sua Revista Feminina

Virgilina de Souza Salles nasceu na cidade de Mogi das Cruzes, no interior de São Paulo. Foi filha de Antônia Barbosa de Souza e Cláudio Justiniano de Souza, membros da elite paulista. Seu avô, Cláudio Joaquim Justiniano de Souza, havia sido deputado imperial entre 1844 e 1845, deixando como herança o capital e o prestígio social para que sua família fizesse parte dessa elite, o que faria com que seus netos tivessem acesso ao estudo, contribuindo grandemente para o sucesso de ambos. Ainda que tivesse uma vida financeiramente confortável devido a este capital familiar, Virgilina idealizou, criou e trabalhou ativamente na publicação de dois periódicos, ambos de grande relevância no período em que circularam. Foi, portanto, uma mulher que trabalhou ativamente no espaço extra-doméstico, exercendo funções de diretora e redatora.

Em 1914 ocorreu o lançamento do primeiro número de um folheto periódico idealizado por ela, intitulado *A Luta Moderna*, que contava com um pequeno número de páginas, baixa tiragem e circulação local. Em 1915, este folheto foi ampliado e deu lugar à *Revista Feminina*, uma publicação mais sofisticada, com ampla circulação nacional e alcance internacional. A revista possuía cerca de 70 páginas, capa colorida e um grande número de anúncios, que garantiam a sua existência e circulação.

Em poucos anos, a revista se tornou altamente bem-sucedida, com muitos exemplares vendidos e assinantes regulares, características que permaneceram até o fim de suas atividades, em 1936. Apenas um ano após

o início de sua circulação, contava já com 12.568 assinantes e uma tiragem que oscilava entre 15 e 20 mil exemplares mensais². O conteúdo apresentado pela publicação era muito diverso, contemplando desde assuntos considerados "femininos", como culinária, moda e cuidados com o lar, até discussões políticas e sociais do momento, incluindo o feminismo, contando ainda com uma vasta seleção de textos literários. A literatura foi um dos carros-chefes da revista, que também incentivou que as mulheres escrevessem e enviassem seus textos para serem publicados.

Muitos eram os objetivos almejados por Virgínia ao criar essa publicação. A direção escrevia pequenos comentários sobre a publicação com frequência, definindo-a como um elemento que levaria entretenimento, literatura e educação às suas leitoras. Um dos pontos centrais da orientação ideológica seguida pela revista foi a tradição católica e conservadora, que esteve presente durante os 22 anos em que foi publicada. Uma parte fundamental do sucesso se deveu à segmentação para um público-alvo composto por mulheres de classes média e alta, o que era mencionado pela revista com frequência, sendo até uma característica da qual se orgulhavam. Destaca-se também a comunicação clara entre a publicação e esse público, facilitada pelo fato de que as pessoas envolvidas na produção também faziam parte de uma classe alta e dispunham de recursos financeiros. Saber segmentar suas leitoras foi um ponto muito importante, pois a orientação ideológica da publicação seguia a mesma direção que diversas crenças, costumes e práticas de suas leitoras, não havendo um conflito neste campo, o que facilitava a aceitação e a venda de exemplares.

Soma-se ainda a necessidade de publicar um conteúdo que fosse considerado apropriado para as moças e mulheres que compunham este

² Dados retirados de BESSE, Susan K. *Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1999. P. 27 e MANCILHA, Virgínia M. N. Nas páginas da Revista Feminina: a imprensa como espaço de visibilidade e atuação feminina (1920 -1930). *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, julho 2011. P. 4

público-alvo, uma vez que o conteúdo precisava ser bem-aceito pela população para que a revista fosse vendida e lida. Para esse fim, a revista frequentemente frisava a sua isenção política e a sua distância dos assuntos mais polêmicos, ainda que isso, em geral, não fosse o que acontecia. Portanto, considera-se que além da preocupação com o conteúdo, havia uma preocupação com as vendas, uma vez que a *Revista Feminina* fazia parte de um projeto comercial mais amplo e muito bem estruturado: a Empresa Feminina Brasileira, cujo proprietário era Cláudio de Souza, irmão de Virgilina.

Cláudio de Souza foi uma figura central na criação e na existência da *Revista Feminina*, sendo o principal apoiador de Virgilina em sua empreitada, conforme afirmou Avelina Salles, filha de Virgilina, em uma entrevista realizada na década de 1990³. Formado em medicina, Cláudio trabalhou como médico e professor durante algum tempo, mas foi a sua atuação como literato que o tornou conhecido do público. Escrevendo livros de ficção, relatos de viagem, peças de teatro e inúmeros artigos para a imprensa, seu nome passou a ser respeitado no universo da literatura paulistana daquele período. Entre as diversas frentes de atuação de Cláudio, esteve a Empresa Feminina Brasileira, que comercializava vários produtos de beleza, cujas fórmulas eram desenvolvidas por ele. Além disso, eram comercializados e editados muitos livros voltados ao público feminino e infantil⁴.

A conexão entre a *Revista Feminina* e a Empresa Feminina Brasileira era muito estreita, tratando-se de uma relação de interdependência. Os produtos comercializados pela empresa eram anunciados na revista, que também realizou a função de catálogo. Simultaneamente, era da venda dos produtos que advinha parte do capital necessário para a manutenção e publicação

³ LIMA, Sandra Lucia Lopes. *Espelho de mulher: Revista Feminina (1916 - 1925)*. Tese (Doutorado em História). São Paulo: FFLCH-USP, 1991. P. 230

⁴ GAIOTTO, Mateus Américo. *O P.E.N. Clube do Brasil (1936-1954): a era Cláudio de Souza*. Dissertação (Mestrado em História). Assis: UNESP, 2018.

da revista, especialmente nos primeiros anos. Considerando que o público-alvo da revista eram mulheres de classe média e alta, a vinculação desses dois projetos era especialmente vantajosa, já que elas possuíam o capital necessário para adquirir os produtos. Contudo, o ponto que nos interessa aqui é, em especial, o fato de que a *Revista Feminina* fez parte de um projeto comercial que visava o lucro e que balanceava questões ideológicas e mercadológicas.

Virgilina teve oportunidade de prestigiar apenas um breve período do sucesso de sua empreitada, uma vez que faleceu em 1918, apenas 3 anos após o início da publicação *Revista Feminina*. Após a sua morte, a revista passa a ser dirigida por João Salles, seu marido e suas duas filhas, Avelina e Marina Salles. É Avelina quem irá levar o legado da mãe adiante, participando mais ativamente da produção da revista. Além destes, Cláudio de Souza também passa a ter uma participação muito mais ativa na publicação, inclusive publicando artigos sob um pseudônimo feminino⁵.

Uma narrativa póstuma: Virgilina como pioneira do feminismo no Brasil

Após a morte de Virgilina, observa-se que há um aumento considerável no conteúdo de cunho político explícito publicado na *Revista Feminina*, com a presença de textos que tratavam do feminismo no Brasil e em outros países, a luta pelo direito ao voto e aos direitos civis das mulheres. Conjecturamos sobre os motivos que levaram a essa mudança na direção da revista: uma possibilidade é que a publicação já se encontra mais estabelecida no mercado e, portanto, certos avanços nessa direção eram permitidos, incluindo assuntos que poderiam ser considerados polêmicos ou pouco apropriados a uma revista que buscava se consolidar entre as leitoras. Outra

⁵ MASCARO, Sonia de Amorim. *Revista Feminina: imagens de mulher (1914 - 1930)*. Tese (Doutorado em Comunicação). São Paulo: ECA-USP, 1982

possibilidade é que isso tenha ocorrido devido à mudança na direção da revista, especialmente considerando a participação de Cláudio de Souza.

Virgilina não estava mais na direção da revista, mas o seu nome continuava se fazendo presente por meio da publicação de diversos artigos que a mencionaram após o seu falecimento. São muitos os textos que tratam dela e de seus ideais com relação às mulheres brasileiras, seu projeto de trabalho e seu legado. A notícia de sua morte é publicada no número 49 da revista, em junho de 1918, em uma modesta nota, presumivelmente devido ao curto espaço de tempo entre o acontecimento e a publicação daquele número.

No mês seguinte, ocorre publicação do primeiro texto que ligava Virgilina de Souza Salles ao movimento feminista brasileiro. No artigo intitulado “D. Virgilina de Souza Salles - uma perda para o feminismo brasileiro”, afirma-se que o feminismo estava sendo vencedor no Brasil. Lemos ainda que “Finalmente, à custa de imensos sacrifícios e dedicações, a mulher conquistou o lugar que merece, na engrenagem das sociedades humanas(...)”⁶. Nota-se que essa relação só é feita de maneira póstuma, pois antes de seu falecimento não se tratava dela como uma grande feminista, nem como uma precursora do feminismo brasileiro, como vai ser afirmado depois. Percebemos que a partir de 1918, ocorre o início da construção de uma narrativa que buscou tratá-la como um grande nome do feminismo brasileiro.

Meses depois, em setembro de 1918, a *Gazeta de Notícias* relata que a Associação de Imprensa havia inaugurado uma galeria de retratos e os dois primeiros seriam de Alcindo Guanabara e de Virgilina Salles, recentemente falecida, que era homenageada pela fundação da *Revista Feminina*⁷. O assunto volta a ser abordado em “O feminismo e sua imprensa”, assinado pela

⁶ *Revista Feminina*, julho de 1918, n. 50, p. 6.

⁷ *Gazeta de Notícias*, 17/09/1918.

direção da revista. Neste artigo, discorre-se sobre os problemas da humanidade naquele período, advindos da Primeira Guerra Mundial, e como haviam feito o feminismo avançar. Além disso, a revista buscou definir o que compreendia como feminismo e o que defendia, conforme o trecho:

“O feminismo não constitui, já o temos dito, o programa básico desta Revista, se for encarado sob o aspecto turvo de uma revolução nos hábitos, costumes e moral deles desviante, que até hoje tem mantido a família humana. Encarado, porém, sob o ponto de vista da colaboração que deve prestar a mulher na depuração social que se impõe, após as duras provações que ora nos castigam, ele, longe de nos desinteressar, entra por muito no quadro de nossas preocupações. (...) As mulheres são chamadas neste momento a substituir o homem nas múltiplas atribuições profissionais que, secularmente, lhe estavam confiadas. Deslocou-se o seu papel. Não é mais a guarda exclusiva do lar e da família: é também a operária que deve produzir e que, portanto, tem direito a intervir na legislação do seu trabalho”⁸

Por meio deste artigo, assinado pela própria direção, percebe-se que a publicação deixava claro qual era a sua posição em relação ao feminismo. Naquele momento, quem dirigia a revista era João Salles, que procurava indicar o que era defendido e o que não era, como “uma revolução nos hábitos, costumes e moral deles desviante”, ponto frequentemente abordado. Definir as características do feminismo que a revista rechaçou era tão importante quanto definir o que era apoiado. Os pontos considerados positivos eram muitos: emancipação, trabalho, educação e voto, por exemplo. Porém, as características negativas eram muito definidas, bem como quais poderiam ser as consequências para as mulheres e a sociedade da qual faziam parte.

No aniversário de dois anos do falecimento de Virgilina, em junho de 1920, novamente publica-se um artigo elogioso rememorando a data. Menciona-se que outros veículos de comunicação também lembraram o significado deste dia⁹. Ainda em 1920, publica-se o artigo “O voto às

⁸ *Revista Feminina*, novembro de 1918, n. 54, p. 5. “O feminismo e sua imprensa, assinado pela direção.

⁹ *Revista Feminina*, junho de 1920, n. 73, p. 23.

brasileiras", onde lemos que "Virgilina de Souza Salles, a primeira heroína e a primeira mártir do esforço feminino brasileiro, encontrou todas as dificuldades e todos os empecos [sic] para lançar esta publicação que é, hoje, o cérebro pensante da mulher brasileira"¹⁰. Pela primeira vez, apresenta-se a ideia de Virgilina como uma "mártir" do feminismo, que irá ser retomada diversas vezes nos anos seguintes. Ao afirmar também que Virgilina havia sido uma heroína do feminismo brasileiro, atribui-se a ela um papel ativo nesse processo, dando a entender que ela não apenas agiu efetivamente em relação ao feminismo, mas que havia sido a primeira a realizar tal feito.

Vemos que nesse ponto, segue-se com a criação de uma narrativa que tratava de Virgilina como uma pioneira em relação ao movimento feminista no Brasil, características que só passa a ser atribuída a ela após a sua morte. Destaca-se ainda que, naquele mesmo momento, a atuação dos homens ligados à revista - João Salles e Cláudio de Souza - era muito intensa e eram eles quem publicaram esses textos que tratavam de Virgilina como uma pessoa estreitamente ligada ao feminismo. Ademais, ao mencionar a sua atuação feminista, entendia-se também que todo o seu projeto relativo à imprensa tinha uma atuação feminista, atribuindo-lhe um viés ideológico que tampouco esteve presente anteriormente. Assim, a própria publicação passa a fazer parte de um movimento social e político, mesmo reiterando repetidas vezes a ausência de conteúdo político em suas páginas.

Em 1921, o artigo "São Paulo e o Sufrágio Feminino" afirma que a *Revista Feminina* fora a primeira publicação brasileira a "levantar a voz" em prol do direito ao voto e que Virgilina Salles era a precursora desse movimento¹¹. Ainda no mesmo ano, a revista volta a tratar do tema, em "O movimento feminista nacional" afirma-se que:

"Quando surgiu a nossa Revista, entre ironia de muitos e a descrença de todos, as ideias de feminismo não existiam em nosso país. A Virgilina de Souza Salles deve-se, com justiça, o primeiro passo. Foi ela

¹⁰ *Revista Feminina*, outubro de 1920, n. 77, P. 16. Grifo meu.

¹¹ *Revista Feminina*, julho de 1921, n. 86, p.5.

a pioneira ousada, que se inflamara sensatamente na fé de um ideal, quem abriu a nossas patrícias estrada que se lhes antolhava cheia de imbróglios”¹².

Destaca-se aqui a importância de afirmar que as ideias relativas ao feminismo no país eram inexistentes antes da atuação de Virgínia e do início da publicação, elementos aos quais é atribuído o início da divulgação destas ideias. Mais uma vez, fica evidenciado que buscou-se inserir a publicação como um elemento fundador do feminismo no Brasil. Contudo, sabemos que isso não era verdade, pois discussões sobre feminismo já eram apresentadas pela imprensa brasileira desde o século XIX, como é o caso da revista *A Mensageira*, por exemplo. Esta havia sido publicada entre os anos de 1897 e 1900, para um público-alvo muito similar, e tratava do feminismo e temas correlatos¹³.

Nos interessa especialmente que a revista buscasse associar à sua identidade essa ideia de pioneirismo, pois esta é uma questão que traz consigo muitos significados. Tratava-se de uma publicação já consolidada no mercado, com um número significativo de exemplares em circulação, estabelecida entre uma população que fazia parte das classes média e alta. Que esta revista reivindique o título de “pioneira” em relação a esse tema evidencia o quanto este era considerado importante e relevante para aquele momento histórico, no qual um recente Brasil republicano buscava consolidar suas bases. Para além disso, evidencia o feminismo enquanto um movimento social e político, já que havia diversos outros grupos e indivíduos reivindicando este título simultaneamente.

Assim, compreende-se o quanto o feminismo se tratou de um espaço de disputas e contestações, evidenciando pontos de vista e interesses distintos. Cada um destes grupos esteve apresentando propostas diferentes,

¹² *Revista Feminina*, maio de 1921, n. 84, p. 16 “O movimento feminista nacional”. Grifo meu.

¹³ RAGO, Margareth. *Trabalho Feminino e sexualidade* in PRIORE, Mary del e PINSKY, Carla Bassanezi. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2015. P. 590

defendendo os seus ideais e os interesses das coletividades às quais estavam vinculados. Justifica-se a busca por esse pretensão pioneirismo, pois a importância dessas ideias era inegável, assim como o potencial transformador daquelas ideias. Outrossim, fica evidente também o quanto a *Revista Feminina* procurava ser relacionada a determinadas ideias feministas, tecendo incontáveis críticas aos aspectos dos quais discordava.

Ainda em 1921, o artigo “Um triunfo do feminismo brasileiro”, anuncia que em Canavieiras, na Bahia, haviam sido nomeadas duas mulheres para cargos públicos na prefeitura. Há a notícia de que ambas haviam enviado à redação da Revista um telegrama agradecendo a Virgilina de Souza Salles, a quem atribuíam a sua conquista e a vitória do feminismo no Brasil¹⁴. Neste artigo, vemos o reconhecimento desta pretensa atuação pioneira da revista por parte das leitoras, que enviaram seus agradecimentos mesmo após o falecimento de Virgilina, possivelmente como forma de incentivar outras mulheres e agradecer à própria revista. Considerando que essas cartas sejam mesmo verdadeiras, podemos observar que a revista teve, de fato, um papel pioneiro na vida de muitas mulheres, ainda que não fosse realmente a primeira publicação brasileira a tratar do tema. Isso ocorre porque é provável que muitas mulheres tenham sido informadas sobre estas questões pela primeira vez por meio desta publicação, que mesclava o tema com outros assuntos políticos, além de entretenimento e literatura.

Um ano depois, a revista apresenta uma série de textos abordando a relação entre Virgilina e o feminismo. No artigo “Natal e centenário”, de 1922, lemos que Virgilina de Souza Salles havia sido “Arauta da boa causa da mulher patricia” e a *Revista Feminina* “o órgão destinado a zelar pela integridade do lar e a arma de combate contra as correntes *anárquicas* e *subversivas*, oriundas do estrangeiro, que ameaçam a constituição da família patricia”¹⁵.

¹⁴ *Revista Feminina*, junho de 1921, n. 85, p. 23 “Um triunfo do feminismo brasileiro”.

¹⁵ *Revista Feminina*, dezembro de 1922, n. 103.

No artigo em questão, trata-se da ideia de que Virgilina havia sido alguém que lutou pelas causas femininas - ainda que não fique claro quais eram elas - e que a revista fora um elemento útil às brasileiras, cumprindo uma função de agir contra os distúrbios que estavam chegando ao Brasil naquele momento. Evidencia-se ainda o fato de que os supostos feitos pioneiros de Virgilina não eram detalhados, apresentando-se menções vagas às suas ações.

Também em 1922, o artigo da primeira página da revista apresenta mais uma vez a figura de Virgilina e o seu objetivo de divulgar um “bom feminismo”. Lemos no texto:

“O feminismo entre nós, presentemente, é um fato, ninguém o nega. Não esse feminismo revolucionário, que prega a destruição da família, que nega a ideia de Deus, que desconhece o sentimento da honra e prega uma liberdade que forçosamente se transformará em servidão. O feminismo puro, cristão, apoiado nas nossas tradições, reclamando para a mulher os direitos que lhe competem, nivelando-a ao homem, exigindo uma igualdade necessária, sempre visando a felicidade coletiva e o progresso da pátria, procurando instruir a mulher afim de que ela, se compenetrando nos seus deveres, os pudessem cumprir com elevação de vistas e inteligência, foi o programa traçado por Virgilina de Souza Salles quando fundou esta revista, programa este que tem sido cumprido, sem o menor deslize”¹⁶.

A ideia de que a revista havia sido um elemento de suma importância para o feminismo no Brasil, enquanto representante de novas ideias e divulgadora de seus ideais é retomada neste artigo. Ademais, novamente evidencia-se as características de um movimento feminista que seria defendido pela revista: tradicional, cristão, conservador e que lutava contra um movimento “revolucionário”. Conclui-se este artigo afirmando que “Sem Deus, pátria, honra e família não há feminismo possível”, um bom resumo do que era defendido e incentivado pela *Revista Feminina*.

Outros veículos de comunicação também trataram da importância desta conexão entre a revista e o feminismo. Foi o caso do *Jornal do Brasil* que, em 1924, publicou o artigo “O feminismo no Brasil”, afirmando que:

¹⁶ *Revista Feminina*, setembro de 1922, n. 100, p. 3 “O nosso centenário”.

“O feminismo, no Brasil, toma diariamente maior vulto, uma significação mais profunda e mais séria. Depois da grande convulsão que ultimamente abalou o mundo, a mulher parece que se compenetrou mais vivamente e mais seriamente dos seus destinos. E, de 1914 para cá, as conquistas femininas têm sido consideráveis, em toda a Europa e em toda a América.

A mulher brasileira acompanha, já hoje, esse brilhante e belo movimento. E São Paulo, que tem a sorte de acolher com um espírito liberal as ideias mais avançadas, tem também a felicidade de ter um movimento feminista forte e ativo.

Assim é que o feminismo paulista tem uma revista que, sendo das melhores do Brasil, se interessa e trata de todos os problemas que se prendem a essa questão. E nada do que diga respeito ao problema lhe é estranho.

Pois o Rio também vai possuir a sua revista de propaganda feminina. Já nesta Capital se encontra a Sra. Salles Lee, que vem chefiar, aqui, a sucursal da Revista Feminina. E o primeiro número desta publicação, que aparece hoje, está brilhante e inteligentemente elaborado.

A Revista Feminina é toda escrita por penas femininas, e, as suas únicas colaboradoras nesta Capital são as sras. Rosalina Coelho Lisboa e Maria Eugênia Celso, tanto a ilustre poetisa do *Rito Pagão*, quanto a cantora do *Em pleno sonho...* fornecerão semanalmente crônicas à Revista Feminina.

Eis incontestavelmente uma bela conquista que acaba de fazer o feminismo carioca.”¹⁷

Primeiramente, destacamos que a afirmação de que o conteúdo era totalmente produzido por mulheres era falsa, uma vez que sabemos ter havido a presença de vários homens entre os colaboradores. Por meio da notícia de que a *Revista Feminina* teria uma filial no Rio de Janeiro, busca-se apresentar a publicação como um marco do progresso do feminismo brasileiro. Nota-se a vinculação feita entre a revista e um suposto “feminismo paulista”, que teria características diferentes daquele presente no Rio de Janeiro. A versão paulista do feminismo é tratada como sendo mais liberal, pois São Paulo se tornava, cada vez mais, local de grande circulação de ideias e pessoas, devido às mudanças que a cidade vinha enfrentando desde os anos 1920¹⁸. Dessa forma, observa-se a vinculação da revista a esse feminismo paulistano, não apenas como um elemento adicional, mas como algo que contribui

¹⁷ *Jornal do Brasil*, 19/02/1924.

¹⁸ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na metrópole – São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

grandemente para o seu sucesso e sua divulgação, expansão e desenvolvimento. Portanto, a criação de uma filial no Rio de Janeiro supostamente poderia trazer estes mesmos benefícios para as mulheres que ali viviam.

No período em que a revista foi publicada, “feminismo” era um termo que se referia, em geral, à luta das mulheres pelo direito ao voto e ampliação de seus direitos civis, ainda que outros sentidos pudessem ser atribuídos, eventualmente, à palavra. Questões como o trabalho feminino, a participação feminina na vida pública e a educação formal para meninas eram também inseridas neste tema, em conexão com o direito ao voto. Um outro ponto de destaque é que a revista publicou, com frequência, notícias internacionais. Um dos temas mais abordados eram as conquistas políticas e civis das mulheres, o que deveria servir como um exemplo às mulheres brasileiras.

Essas ideias ecoaram também entre as mulheres das classes média e alta, que compunham o grupo de leitoras da revista analisada. Essas mulheres buscaram levar adiante a luta pelo direito ao voto, embora seus interesses em relação a isso não fossem os mesmos das mulheres pobres. Devido ao seu pertencimento a essas classes sociais, estas mulheres encontram respaldo entre os membros da elite política, muitos dos quais com ideias conservadoras e contrárias aos direitos femininos.

A autora Céli Regina Pinto afirma que a classe média e alta atuava em relação ao feminismo de uma maneira que agia “no limite da pressão intraclasse, não buscando agregar nenhum tipo de tema que pudesse pôr em xeque as bases da organização das relações patriarcais”¹⁹. Dessa forma, essas mulheres conseguiam simultaneamente reivindicar o direito ao voto e manter os seus privilégios de classe, agindo em busca de modernizar as relações de

¹⁹ PINTO, Celi Regina. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2003. P. 26.

gênero sem gerar mudanças nas questões que envolviam a desigualdade social e política entre as mulheres, conforme argumenta Susan Besse²⁰.

Feminismo em pauta

O feminismo foi um tema frequente de publicações e debates na *Revista Feminina*. Por meio de notícias, opiniões e em diálogo com as discussões sobre o tema no Brasil e no exterior, a revista passava a se posicionar em relação aos direitos e deveres das mulheres. Desde o início da publicação, buscou-se evidenciar quais eram as características do feminismo incentivado: um movimento contido, cristão, ligado aos valores tradicionais da sociedade. Essas características foram retomadas com frequência. Em oposição ao feminismo cristão da *Revista Feminina*, definia-se um outro movimento, retratado como mais violento e agressivo, ao qual a publicação se opunha fortemente.

Dentro do tema "feminismo", diversas pautas foram discutidas pela *Revista Feminina*. Entre estas, a narrativa do pioneirismo da revista como propagadora deste movimento é um dos assuntos que se destacam, tanto pela frequência quanto pela eloquência argumentativa. Diversas vezes essa ideia é retomada e a revista é apresentada como um meio de divulgação do movimento e de seus ideais. Ademais, trata-se da revista como um meio de introdução dos ideais feministas no Brasil, atribuindo à publicação um enorme peso na história deste movimento.

Por meio da conexão entre a *Revista Feminina* e revistas do gênero publicadas em outros países, divulgou-se a ideia de que países da Europa e dos Estados Unidos já estavam, naquele período, muito mais evoluídos em relação aos direitos femininos que o Brasil. A ideia de que a revista buscou

²⁰ BESSE, Susan K. *Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1999.

apresentar essas discussões aos lares brasileiros pela primeira vez também foi defendida. Essas notícias internacionais chegavam até a redação da revista através de cartas enviadas por correspondentes ou de mulheres brasileiras que haviam viajado a estes lugares e relataram as suas experiências.

As características do feminismo defendido pela revista foram bem definidas na crônica “Fevereiro”, assinada por Anna Rita Malheiros, pseudônimo usado por Cláudio de Souza, em 1922:

“Não nos cansamos de repetir que o feminismo de que se faz paladina nossa pena não é o feminismo anárquico, belicoso, ridículo e incoerente, que tanto se tem prestado à caricatura e à ironia; e sim o feminismo conservador da religião e da família, o feminismo defensor de nossas sagradas tradições raciais, feminismo que só pôde ser aplaudido e louvado pelos espíritos que compreendem as leis inefutáveis [SIC.] da evolução, e com elas trilham conformes na doutrinação de suas crenças. (...) Ora, o que entendemos por feminismo é, apenas, aquilo: o direito de colaborar na grande obra da reorganização do mundo, obra de amor, de religião e de piedade nos campos de ódio, da intolerância, e da ambição em que se preparam as searas de sangue fratricida.”²¹

Neste trecho, são evidenciados vários aspectos que nos ajudam a compreender qual foi a posição defendida pela *Revista Feminina*. O feminismo estava se tornando cada vez mais presente no Brasil no período analisado e passava a ser um assunto de grande importância e relevância social. A publicação não deixou de se posicionar: por meio do exemplo citado, destaca-se duas premissas importantes. Primeiramente, a constatação da existência de diversos “feminismos”, que coexistiam e defendiam seus ideais naquele momento. A segunda premissa é a de que a revista defendia uma vertente específica deste movimento, que foi muito bem definida neste artigo e continuou sendo nos números publicados posteriormente.

O texto do artigo citado não é iniciado com uma discussão dos aspectos considerados positivos, mas, ao contrário, apresenta ao leitor as características contrárias ao feminismo que era apoiado pela revista: anárquico, belicoso e ridículo. Adjetivos fortes, que não eram frequentemente

²¹ *Revista Feminina*, fevereiro de 1922, n. 93, p. 3, assinado por Anna Rita Malheiros.

utilizados para descrever este movimento, mesmo quando se opunha a ele. A estrutura de argumentação utilizada neste texto foi bastante repetida na publicação, buscando-se defender o seu ponto de vista e os argumentos em que acreditava e, simultaneamente, marcar quais eram as posições que divergiam da sua e enumerar motivos pelos quais elas eram prejudiciais. O argumento de que havia um feminismo que estava sujeito à caricatura e ironia referia-se à ação das sufragistas, reprovada naquele período por muitos jornais e revistas, pois estas eram vistas como rebeldes e escandalosas. Uma maneira de deslegitimar suas reivindicações foi a ridicularização destas mulheres, aspecto no qual a imprensa teve um papel fundamental.

Ainda sobre o trecho citado acima, algumas características do feminismo cristão, apoiado pela revista, podem ser encontradas. A conservação do cristianismo e da família é um ponto importante, especialmente tendo em conta o público-alvo da publicação em questão. Ademais, a família e a igreja católica são duas das principais instituições do período de publicação da fonte desta análise, defendidas durante todos os anos em que foi impressa. Ambas tinham grande impacto na vida feminina, pois buscavam ditar regras de convivência e comportamento, submetendo as mulheres aos papéis ditados por elas. Ana Luiza Martins defende que os periódicos com orientação cristã eram mais facilmente aceitos e podiam acessar os lares das famílias brasileiras mais facilmente, considerados por muitos como boas influências²². Consideramos que este foi também um ponto fundamental para o sucesso e aceitação da *Revista Feminina*, bem como para a difusão do feminismo tal como era apresentado pela publicação.

Ao propor que se refere ao “feminismo defensor de nossas sagradas tradições raciais”, não considerava a raça como uma característica importante na organização da sociedade. As ideias do racismo biológico,

²² MARTINS, Ana Luiza. Da fantasia à história: folheando páginas revisteiras. *Revista História*, São Paulo, 22 (1): 59-79, 2003. P. 66.

muito presentes na sociedade naquele momento, aceitavam e viam as diferenças sociais decorrentes de diferenças raciais como naturais e, desta forma, buscou-se a manutenção de uma elite de mulheres brancas²³. Ademais, a questão racial e a experiência de mulheres racializadas não é diretamente tratada pela publicação, nem mesmo como um ponto a ser considerado dentro das ideias do feminismo. Mais uma vez, observa-se que o feminismo defendido por esta revista não buscava agir sobre as injustiças sociais quando estas não estavam relacionadas às mulheres brancas e de classe média e alta, reforçando os preconceitos sociais daquele período.

Chegando ao final do trecho citado, a definição do feminismo correto fica um pouco mais vaga, tratado como “o direito de colaborar na grande obra da reorganização do mundo, obra de amor, de religião e de piedade”. Mais uma vez, valores cristão são celebrados e mencionados como um dos eixos centrais do feminismo brasileiro. Características como amor, piedade e religiosidade eram consideradas naturais nas mulheres, elementos que nasciam e com elas permaneciam até o fim de suas vidas. Assim, o texto analisado recorre a esses sentimentos, reforçando as imposições sociais sobre as mulheres. Destaca-se também o quanto o movimento feminista era afastado de uma atuação política na medida em que se tratava deste como uma questão pessoal, pois tinha como o objetivo a busca de melhorias na vida pessoal dessas mulheres. De forma que via-se o feminismo como uma luta individual, não coletiva.

Características como o amor e a piedade eram frequentemente utilizadas quando o intuito era reforçar imposições sobre as mulheres. Apresentando a ideia de que o comportamento feminino deveria seguir determinadas regras nas atividades que realizavam, a revista se posicionava também contrária a algumas ações consideradas inapropriadas para elas.

²³ FERLA, Luis. *Sujos, feios e malvados sob medida: a utopia médica do biodeterminismo*, São Paulo (1920 - 1945). São Paulo: Alameda, 2009.

Uma dessas ações era o engajamento político quando demandava algum nível de desobediência.

Ainda neste viés, a *Revista Feminina* publica outro artigo de Anna Rita Malheiros sobre o feminismo, cerca de um ano depois. Neste, lemos que havia algumas pessoas que não compreendiam inteiramente o significado do feminismo, já que “feminismo não pode ser corrente destruidora, anárquica, iconoclasta”, motivo pelo qual a violência deveria ser repudiada. Porém, o texto também afirma que, havia mulheres que não pensavam desta maneira, gerando uma “onda de subversão” e “masculinização”, comportamentos fortemente rechaçados²⁴.

A orientação cristã seguida pela revista fez com que o “feminismo cristão” fosse uma característica constante nos debates acerca do feminismo, orientando o conteúdo que era publicado, de maneira geral. A revista publicou opiniões divergentes acerca do feminismo, da mesma forma que tratou de outros temas, como o trabalho ou o estudo. Com a leitura dos exemplares, fica claro que, embora se buscasse uma variedade de opiniões sobre o tema, havia uma orientação ideológica e de valores que guiou a direção da revista. Até mesmo nas discussões sobre a definição do feminismo a ser seguida e quais eram os benefícios que ele traria para a sociedade, a orientação cristã e conservadora estava presente. As propostas eram de uma existência sem conflitos, sem um programa revolucionário ou comportamentos considerados violentos e agressivos, predominantemente. Ainda que a separação entre o Estado brasileiro e a Igreja Católica já tivesse ocorrido com a instituição da República, a Igreja Católica continuou sendo uma instituição de grande força e atuação sobre a sociedade brasileira,

²⁴ *Revista Feminina*, junho de 1921, n. 85, p. 3 “Junho”.

impondo vários comportamentos e normas sobre os modos de agir das mulheres²⁵.

Essa face conservadora e cristã do movimento feminista foi primordial para que as mulheres de classe média e alta, as leitoras da *Revista Feminina*, se interessassem por esse tipo de conteúdo no início do século XX, momento em que a luta pelo voto passa a estar muito em pauta no Brasil. June Hahner afirma que na década de 1920, muitas mulheres da elite faziam parte deste movimento, sendo “engenheiras, advogadas, médicas, cientistas, funcionárias públicas de nível mais alto”. Além destas, observou também a presença de muitas mulheres de uma classe média em formação, sendo professoras, datilógrafas e funcionárias públicas.²⁶

A religiosidade foi um dos principais argumentos utilizados pela revista na defesa de sua posição em relação ao feminismo. Naquele período, a maioria da população brasileira era católica e, portanto, o apelo à religião era um argumento muito forte e significativo. O artigo “O Feminismo Católico” aborda este assunto, afirmando que “uma mulher livre pensadora ou anticlerical” era um elemento mais perigoso que um homem com as mesmas características seria. O texto defende que o papel da mulher era de sustentadora dos costumes da nação e educadora da família. Dessa forma, caso as mulheres se afastassem do catolicismo, seus filhos não receberiam uma educação correta e toda a sociedade seria prejudicada, pois essas crianças eram os futuros cidadãos da República. Supostamente, isso aconteceria caso essas mulheres se aproximassem de um movimento feminista que não tivesse a orientação correta.

²⁵ MESSIAS, Maria Cláudia Novais e JACÓ-VILELA, Ana Maria. Relações de gênero e poder na Belle Époque: entre discursos e prática. *Psicologia em Pesquisa* - Juiz de Fora, volume 12, número 3, Setembro-Dezembro de 2018. P. 7.

²⁶ HAHNER, June E. *Honra e distinção das famílias*. In: PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria. *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. Edição digital não numerada.

A defesa desta orientação cristã do feminismo pela *Revista Feminina* se fazia necessária pois movimentos ligados ao feminismo com enfoques diferentes também ecoavam na sociedade, disputando o espaço e a legitimidade entre suas apoiadoras. Uma dessas outras faces do movimento era representada por um grupo heterogêneo de mulheres, que abrangia trabalhadoras e operárias, além de mulheres ligadas ao socialismo e ao anarquismo. Para estes grupos, as principais discussões feministas deveriam girar em torno das relações trabalhistas e da exploração feminina, evidenciando o quanto o patriarcado agia ativamente na sociedade²⁷.

A experiência dessas mulheres, que precisavam trabalhar para seu sustento, era muito diferente daquela vivida pelas leitoras da *Revista Feminina*, que buscavam legitimar o seu desejo de trabalhar. Sobre isso, Heleieth Saffioti argumenta que:

"O primeiro contingente feminino que o capitalismo marginaliza do sistema produtivo é constituído pelas esposas dos prósperos membros da burguesia ascendente. A sociedade não prescinde, entretanto, do trabalho das mulheres das camadas inferiores. Muito ao contrário, a inferiorização social de que tinha sido alvo a mulher desde séculos vai favorecer o aproveitamento de imensas massas femininas no trabalho industrial."²⁸

Dessa forma, percebe-se que o feminismo nos moldes do que era defendido e propagado pela *Revista Feminina*, focando-se no direito ao voto e à participação política, não considerava a realidade de uma grande parcela das mulheres brasileiras. Destaca-se ainda que essas mulheres, ainda que ignoradas pelas mulheres das classes média e alta, já se organizavam em suas lutas contra a exploração capitalista e patriarcal. Saffiotti define o feminismo apoiado pela *Revista Feminina* como "pequeno-burguês", argumentando que este foi pautado pelo desejo de ascensão desse grupo de mulheres e, como consequência, não questionava o capitalismo enquanto

²⁷ PINTO, Celi Regina. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2003. P. 36.

²⁸ SAFFIOTI, Heleieth. *A Mulher na Sociedade de Classes*. Editora Expressão Popular, São Paulo, 2013. P. 67.

sistema e nem os seus reflexos na vida feminina. Isso ocorria porque este sistema e as desigualdades geradas por eles eram fundamentais para que essa ascensão acontecesse. Assim, o periódico se relacionou com o feminismo cristão pois este atuou “como um mecanismo de atenuação das tensões, tanto em nível nacional como em nível internacional”²⁹. Porém, essa atenuação de tensões não rompia os limites da classe social na qual estavam inseridas, uma vez que não eram propostos questionamentos nesse sentido.

Considerações finais

A *Revista Feminina* agiu como um importante meio de divulgação de ideias entre as mulheres de classe média e alta no início no século XX. Por meio da publicação de opiniões diversas, a revista afirmava ser um meio de comunicação democrático, no qual pontos de vista conflitantes e opostos tinham lugar. Porém, com a leitura da totalidade dos exemplares publicados, fica evidente que isso não acontecia e que a publicação seguia uma clara orientação ideológica, marcando sua posição em relação a alguns temas. Um destes temas foi o feminismo.

A tentativa de inserir Virgilina de Souza Salles como uma pioneira do movimento feminista no Brasil foi bem-sucedida em termos, pois algumas leitoras chegaram a enviar cartas para a redação agradecendo sua atuação e veículos de imprensa publicaram também afirmações corroborando esta ideia. Entretanto, esta narrativa não se perpetua e Virgilina não continua sendo lembrada como um expoente do feminismo brasileiro. Ademais, embora outros periódicos já discutissem o feminismo antes do início da publicação da *Revista Feminina*, esta teve um alcance muito amplo e pode ter sido a primeira forma de contato de muitas mulheres com o tema. Assim, embora a revista exagere em atribuir esse pioneirismo a Virgilina, a

²⁹ SAFFIOTI, Heleieth. *A Mulher na Sociedade de Classes*. Editora Expressão Popular, São Paulo, 2013. p. 194-195.

importância desta publicação para o movimento feminista brasileiro é evidenciada, pois divulgou essas ideias para um novo público.

Considerando, ainda, a agência social da imprensa periódica, destaca-se que a *Revista Feminina* não foi apenas um elemento que refletiu as ideias sobre o feminismo que existiam na sociedade naquele momento, mas também contribuiu no surgimento de novas ideias e questionamentos³⁰. Somase a isso o fato de que tratar do tema “feminismo”, naquele momento, era lucrativo, pois se tratava de um assunto que estava muito em voga. Dessa maneira, vemos que o conteúdo publicado era grandemente pautado pelos interesses capitalistas, que se apropriavam de questões sociais e ideológicas para gerar lucro. Ainda assim, a direção da revista procurou apresentar esse tema e defender uma posição, demarcando seu lugar dos debates sobre o tema e buscando ter uma importância reconhecida pela sociedade.

REFERÊNCIAS

- BUITONI, Dulcília. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1990.
- BESSE, Susan K. *Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto, Edusp, 1988.
- FERLA, Luis. *Sujos, feios e malvados sob medida: a utopia médica do biodeterminismo, São Paulo (1920 - 1945)*. São Paulo: Alameda, 2009.
- FRACCARO, Glaucia. *Os direitos das mulheres: feminismo e trabalho no Brasil (1917 - 1937)*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.
- GAIOTTO, Mateus Américo. *O P.E.N. Clube do Brasil (1936-1954): a era Cláudio de Souza*. Dissertação (Mestrado em História). Assis: UNESP, 2018.
- HAHNER, June E. *Honra e distinção das famílias*. In: PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria. *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.
- LIMA, Sandra Lucia Lopes. *Espelho de mulher: Revista Feminina (1916 - 1925)*. Tese (Doutorado em História). São Paulo: FFLCH-USP, 1991.
- MANCILHA, Virgínia M. N. Nas páginas da Revista Feminina: a imprensa como espaço de visibilidade e atuação feminina (1920 -1930). *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH*. São Paulo, julho 2011.

³⁰ WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Materialismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

- MASCARO, Sonia de Amorim. *Revista Feminina: imagens de mulher (1914 - 1930)*. Tese (Doutorado em Comunicação). São Paulo: ECA-USP, 1982.
- MARTINS, Ana Luiza. Da fantasia à história: folheando páginas revisteiras. *Revista História*, São Paulo, 22 (1): 59-79, 2003. P. 66.
- MESSIAS, Maria Cláudia Novais e JACÓ-VILELA, Ana Maria. Relações de gênero e poder na Belle Époque: entre discursos e prática. *Psicologia em Pesquisa - Juiz de Fora*, volume 12, número 3, Setembro-Dezembro. Editora Expressão Popular, São Paulo, 2013.
- NARDINI, Giovanna. *A Revista Feminina na Primeira República: história, trabalho, educação e feminismo*. Dissertação de mestrado (História). Guarulhos: Universidade Federal de São Paulo, 2022.
- PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria. *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.
- PINTO, Celi Regina. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2003.
- RAGO, Margareth. *Trabalho Feminino e sexualidade*. In: PRIORE, Mary del e PINSKY, Carla Bassanezi. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2015.
- SAFFIOTI, Heleieth. *A Mulher na Sociedade de Classes*. Editora Expressão Popular, São Paulo, 2013.
- WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Materialismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.